

O brincar criativo como um recurso de elaboração do abandono parental: um estudo da obra *O jardim secreto*

SABRINA LEHMKUHL¹

RESUMO: O objetivo deste estudo foi compreender de que maneira o brincar criativo das crianças pode auxiliá-las na elaboração do abandono parental e da carência afetiva com base na compreensão do brincar de autores da psicanálise freudiana e pós-freudiana. Método: abordagem qualitativa que partiu da análise do livro *O jardim secreto*, de Frances Hodgson Burnett, distinguindo-se dois momentos da história: como os personagens infantis se sentiam e se comportavam antes de descobrirem a existência e de poderem brincar no jardim e depois desta descoberta. Resultados: apresentam como o brincar no jardim foi importante para a recuperação da saúde física e psíquica das crianças protagonistas da obra, bem como destacou a relevância do apoio do ambiente na criação infantil. Foi encontrado que ao entrar em contato com objetos bons, as crianças conseguiram se libertar para brincar e, assim, foi ocorrendo sua restauração psíquica.

PALAVRAS-CHAVE: Brincar criativo. Elaboração. Abandono parental.

Creative play as a resource for the elaboration of parental abandonment: A STUDY of the book *The Secret Garden*

ABSTRACT: This study aimed to understand how children's creative play can help them in the elaboration of parental abandonment and affective need based on the understanding of play by authors of Freudian and post-Freudian psychoanalysis. Method: qualitative approach based on the analysis of the book *The Secret Garden*, by Frances Hodgson Burnett, distinguishing two moments in the story: how the children felt and behaved before discovering the existence and being able to play in the garden and after its discovery. Results: show how playing in the garden was important for the recovery of physical and mental health of the children protagonists of the book, as well as highlighted the importance of environmental support in child rearing. It was found that by coming into contact with good objects, the children were able to free themselves to play and, thus, their psychic restoration took place.

KEYWORDS: Creative Play. Elaboration. Parental abandonment.

¹ Graduada em Psicologia.

Introdução

Este trabalho surge de diferentes inquietações sobre a importância do desenvolvimento da capacidade simbólica para as elaborações de situações da vida infantil por intermédio das brincadeiras. Como objetivo, delimitou-se por compreender de que maneira o brincar criativo pode auxiliar as crianças na simbolização e na elaboração do abandono parental e da carência afetiva por meio da análise do livro *O jardim secreto*, de Frances Hodgson Burnett, com base na compreensão do brincar de autores da psicanálise freudiana e pós-freudiana.

Iniciando a pesquisa sobre o brincar no texto em que Freud (1920) analisa um menino brincando com um carretel, entende-se que a brincadeira das crianças é uma das primeiras atividades normais do aparelho mental do ser humano, e que é por meio dos jogos e das brincadeiras que elas revelam seus impulsos e suas atitudes em relação à realidade. Depois de Freud, diversos autores da psicanálise continuam afirmando que é através do brincar que as crianças são capazes de traduzir e de elaborar simbolicamente seus fantasmas, seus desejos, seus conflitos inconscientes, suas ansiedades e suas fantasias (Costa, 2010; Freud, 1920; Green, 2013; Gutfreind, 2020; Klein, 1996; Segal, 1975; Ungar, 2002).

A partir da revisão da literatura freudiana e pós-freudiana do brincar, este trabalho aborda o fenômeno como um recurso que possibilita que a criança descarregue suas emoções e tendências agressivas sem que se sinta culpada, diminuindo o medo de sua destrutividade ao mesmo tempo que proporciona o alívio das tensões pré-conscientes e inconscientes (Hosokawa & Wiezzel, 2013). Ou seja, ao se utilizar da imaginação infantil para criar um vínculo entre a fantasia interna e a realidade externa, o brincar criativo é um instrumento de manifestação dos afetos, de simbolização e de elaboração das angústias, reconhecido como uma prática saudável e essencial para o desenvolvimento emocional de uma criança (Hosokawa & Wiezzel, 2013; Segal, 1993).

O percurso do marco teórico deste trabalho fica dividido em três partes: a primeira parte trata do papel do ambiente no desenvolvimento da personalidade infantil e dos prejuízos psíquicos e de conduta causados pela privação e pela carência afetiva; a segunda, do brincar criativo e da importância do desenvolvimento do simbolismo na elaboração dos traumas infantis; e a terceira apresenta uma breve sinopse do livro objeto desse estudo. Na sequência, apresenta-se o método do trabalho, a análise e a discussão dos resultados e, por último, as considerações finais da pesquisa.

Por fim, este artigo se justifica pela importância do estudo do brincar para a prática clínica com crianças e pelo entendimento da capacidade de simbolização como uma das grandes saídas da doença mental, visto que o brincar sempre tem uma função seja no desenvolvimento infantil, na entrada da criança na cultura, como um elemento estruturante da personalidade ou

como uma ferramenta de elaboração e simbolização dos traumas infantis (Ferreira, 2000; Gutfreind, 2020). Além disso, como disse Freud (1933/2010) "é possível enxergar muita coisa nas crianças quando se sabe observar" (p. 275).

O papel do ambiente

Estudar sobre como o ambiente pode influenciar no desenvolvimento infantil é algo indispensável para os autores da psicanálise. Winnicott (1983) foi taxativo ao afirmar que "não há sobrevivência física ou emocional de uma criança sem um ambiente" (p. 105). Dessa forma, se faz necessária uma breve abordagem do papel do ambiente no desenvolvimento da personalidade infantil e dos prejuízos psíquicos e de conduta causados pela privação e pela carência afetiva.

Prover para uma criança, de acordo com Winnicott (1983), é prover um ambiente que facilite o seu desenvolvimento mental e emocional, que dê esteio ao nascimento e ao desenvolvimento das principais funções do eu e que auxilie a criança na unificação da sua vida psíquica com o seu corpo. Ou seja, um ambiente que seja suficientemente bom no amparo dos processos de maturação infantil (Winnicott, 1983).

Considerando os entraves dos processos de maturação, Winnicott (1983) alerta que por trás das psicopatologias e do mau ajustamento infantil sempre há uma falha do ambiente em se adaptar às necessidades do tempo de dependência da criança. Ou seja, em algum período em que tudo acontecia suficientemente bem, ocorre uma falha real no apoio do ego imaturo que detém o desenvolvimento emocional da criança (Winnicott, 1983). Dessa forma, para o autor, as origens do mau comportamento e da tendência antissocial estão sempre ligadas à uma privação, e a evolução para um tipo mais grave de psicopatologia depende do grau e do tipo da privação sofrida e da maneira como a criança consegue arranjar-se com isso (Arcangioli, 1995).

Segal (1975) também informa sobre os efeitos do ambiente na primeira infância e na infância posterior. Contudo, a importância do fator ambiental, para a autora, só pode ser corretamente avaliada em relação ao que significa nos termos dos próprios instintos e fantasias (agressivas e persecutórias) da criança:

É quando o bebê esteve sob o domínio de fantasias raivosas, atacando o seio, que uma experiência má verdadeiramente se torna ainda mais importante, visto que confirma não apenas seu sentimento de que o mundo externo é mau, mas também a impressão de sua própria maldade e da onipotência de suas fantasias malévolas. As experiências boas, por outro lado, tendem a diminuir a raiva, a modificar as experiências persecutórias e a mobilizar o amor e a gratidão do bebê, bem como sua crença em um objeto bom. (Segal, 1975, p. 26)

A autora afirma, ainda, que à medida que o bebê se desenvolve e sente a realidade mais plenamente, os objetos internos passam a se aproximar

mais das pessoas reais do mundo externo. Assim, é a partir da identificação e da introjeção de objetos bons que o ego infantil tem a possibilidade de amadurecer e adquirir características próprias (Segal, 1975).

No que diz respeito às consequências sofridas por crianças privadas do contato familiar e portadoras de carência afetiva, Kagan (1982 citado por Gutfreind, 2020) observa que o comportamento agressivo ou autoagressivo dessas crianças expressa o seu medo intenso, resultante da privação a que foram submetidas. Sendo necessário, para que ocorra a retomada do desenvolvimento emocional e da socialização do infante, que a família/sociedade se dê conta e compense a criança (Winnicott, 1983).

O brincar e a capacidade de elaboração da realidade

Escrever sobre como o brincar pode auxiliar a criança na elaboração da realidade é um assunto que tem interessado autores da psicanálise desde muito cedo. Começando por Freud (1908) que, no artigo *Escritores criativos e devaneios*, assegura que a criança que brinca leva essa atividade muito a sério e se comporta como um escritor que cria, ou que reajusta, os elementos do seu mundo em favor de uma nova forma que lhe traga mais satisfação, escrevendo que "a antítese do brincar não é o que é sério, mas o que é real" (p. 80). Esse interesse pelo brincar é compreensível quando se sabe da importância do desenvolvimento do simbolismo para a elaboração dos traumas infantis, o que é corroborado por Gutfreind (2020) quando ele afirma que "boa parte da moderna psicanálise infantil ainda considera a entrada no mundo da simbolização como a grande saída da doença mental" (p. 6).

Na visão de Winnicott (1975), para acontecer a brincadeira é necessário primeiro que se forme um espaço intermediário, de experimentação, entre a realidade externa e interna da criança. Esse espaço, que o autor chama de *transicional*, é utilizado para indicar o lugar e a função que os fenômenos e/ou os objetos de separação da figura materna ocupam na vida psíquica do bebê (Arcangioli, 1995). É um lugar onde a criança pode descansar da tarefa de distinguir entre o que é fato o que é fantasia, utilizando-se da sua formação simbólica para brincar e criar livremente sem se sentir culpada (Jerusalinsky, 2011; Ungar, 2002).

Belo e Scodeler (2013), pautados na psicanálise winnicottiana, afirmam que o brincar, ao partir de uma experiência livre e criativa, é um meio que abre a possibilidade de os indivíduos integrarem os aspectos dissociados de sua personalidade dentro de si mesmos. Afirmando ainda que "para que a psicanálise ocorra, é preciso que o indivíduo, antes, seja capaz de brincar, pois é necessário que ele esteja pronto para ser criativo perante o velho problema e para integrar os aspectos dissociados de sua personalidade." (p. 105). Ou seja, para os autores, o brincar criativo é, em si mesmo, uma atividade terapêutica e é apenas brincando que a criança pode desfrutar de sua liberdade de criação, de sua personalidade de forma integral e descobrir o seu verdadeiro *self*.

Voltando seu olhar para a função metafórica do brincar, Klein (1996) destaca a importância do desenvolvimento das capacidades simbólicas no amadurecimento infantil. A autora propõe que as representações simbólicas proporcionadas pelas brincadeiras estão menos investidas de ansiedade e que, por isso, o brincar toma o lugar da associação livre no contexto analítico infantil. Desse modo, afirma que a capacidade simbólica se torna o alicerce do relacionamento do sujeito com a realidade externa ao ser a base de toda fantasia e sublimação.

Visto a importância do desenvolvimento da capacidade simbólica, Gutfreind (2020) ressalta que a criança precisa entrar na posição depressiva para adquirir a capacidade de simbolizar e de remanejar os seus conflitos. Destaca-se que o conceito kleiniano de posição depressiva condiz com uma etapa do desenvolvimento que acontece quando o bebê passa a reconhecer e a se relacionar com o objeto, anteriormente fragmentado em *bom e mau*, como um todo, colocando em marcha o desejo de reparar e restaurar (Segal, 1975; Vieira & Cintra, 2016). Assim, é possível de entender que o símbolo propicia o desenvolvimento do ego ao ser representante dos objetos internos, estando disponível para a sublimação e para a reparação (Segal, 1993).

Considerando que é através desses mecanismos simbólicos que as crianças criam meios de capturar e de possuir o objeto original, utilizando-se deles para superar a perda, se vê a importância do trabalho da simbolização nas crianças portadoras de carência afetiva (Gutfreind, 2020). Ao trabalhar com crianças abrigadas em Paris, Gutfreind (2020) afirma que a descontinuidade do vínculo familiar e a demarcação acentuada da ausência parental, muitas vezes, causam uma sensação traumática de desamparo nas crianças, ocasionando uma pobreza do imaginário, deficiência na capacidade de fantasiar, e obstaculizando a formação dos mecanismos simbólicos, o que pode acarretar em dificuldades na vida psíquica tanto da criança quanto do adulto.

Visto que a habilidade de brincar livremente depende da capacidade de simbolização, e que a brincadeira é uma das principais formas de elaboração dos conflitos inconscientes (Segal, 1993), a importância da brincadeira, para as crianças abandonadas ou portadoras de carência afetiva, pode ser entendida como uma necessidade de organização interna que, diante do horror do abandono, deixe-as jogar com a realidade externa, transformando-a em algo mais suportável para o ego (Green, 2013). Ou seja, por meio da brincadeira a criança tem a chance de ser mestre, criadora e protagonista ativa de sua própria história (Jerusalinsky, 2011).

O jardim secreto

O livro *O jardim secreto*, escrito pela autora inglesa Frances Hodgson Burnett, teve a sua primeira edição lançada em 1911 e foi reconhecida como um clássico da literatura a partir de 1950, conquistando adaptações para o

teatro e para o cinema. A obra conta a história de duas crianças de dez anos de idade, Mary Lennox e Colin Craven, que nasceram muito distantes uma da outra, mas em condições semelhantes: ambas não puderam contar com o cuidado de seus pais e cresceram sob responsabilidade de empregados que não gostavam nem um pouco delas.

Mary Lennox era uma criança muito irritada e egoísta que nasceu na Índia e cresceu rodeada de criados que sempre obedeciam às suas ordens. Ela não tinha nenhum contato com seus pais e sempre era mantida afastada de sua mãe, que não gostava de ser importunada pela menina. Logo no primeiro capítulo, Mary fica órfã e vai morar com seu tio e tutor Lorde Archibald Craven, na Inglaterra. Ao chegar na charneca de Yorkshire, Mary se instala na enorme mansão do tio e conhece uma moça chamada Martha Sowerby. Filha de camponeses da charneca, Martha era uma moça jovem, gentil, tagarela e confiante, que teve um grande impacto na vida de Mary. Martha era encarregada de Mary, mas a tratava de um jeito muito diferente dos criados indianos, ela era amistosa e simpática, mas também era firme, o que fez com que Mary gostasse muito da moça. Incentivada por Martha a ir brincar fora de casa, a menina começa a andar na rua e a observar as coisas que aconteciam ao seu redor. Em um desses passeios pelos parques da mansão, Mary conhece o velho jardineiro Ben Weatherstaff que, assim como Martha, conversava com a menina de uma maneira muito franca e sincera. Também foi durante um passeio que Mary conheceu um pisco-de-peito-ruivo, sentindo uma conexão muito forte com o passarinho solitário. É da mãe de Martha, Susan Sowerby, que Mary ganha o seu primeiro brinquedo: uma corda de pular. E foi pulando sua corda, seguindo o seu amigo pisco, que Mary encontra a porta do jardim secreto. Dentro do jardim, Mary conhece o irmão de Martha, Dickon Sowerby, que a ensina a fazer jardinagem e a cultivar o jardim semimorto e abandonado.

Colin Craven, por sua vez, era um menino que cresceu como um inválido e que passava o dia inteiro em seu quarto deitado na cama. Sua mãe havia morrido logo após o parto, e seu pai, atormentado pelo luto, não gostava de ver o menino, que se parecia muito com a mãe. Por isso, Colin foi deixado, desde bebê, aos cuidados da criadagem da Mansão de Misselthwaite. Como ele era uma criança muito fraca e doente, Colin sempre ouvia que provavelmente não sobreviveria até ficar adulto e já tinha até se acostumado com essa ideia. Um pouco pior que Mary, que tinha uma aia para lhe contar histórias, Colin era cuidado por um médico que não tinha muito interesse em seu bem-estar e por uma enfermeira que não suportava pessoas doentes. Seu cansaço, seu medo de morrer e suas dores no corpo faziam com que ele tivesse ataques de gritos e choro, os quais os adultos chamavam de "chiliques". Dessa forma, para evitar que Colin desse um de seus chiliques e ficasse ainda mais doente, ninguém nunca se atrevia a disciplinar ou a contrariá-lo.

No decorrer do livro, Mary, obstinada a encontrar a origem do choro que ela ouvia durante a noite, encontra Colin pela primeira vez. Depois de fazer

amizade com o menino e decidir que podia confiar nele, Mary, com a ajuda de Dickon, o leva até o jardim secreto em sua cadeira de rodas. É dentro do jardim que Colin fica de pé e anda pela primeira vez, aprendendo a se exercitar e a brincar, ele começa a ficar forte e saudável. Passando a ter a certeza de que iria sobreviver até ficar adulto, Colin começa a ter um sonho de ser cientista para descobrir mais coisas sobre a Mágica que as três crianças acreditavam que existia dentro do jardim.

Método

Foi do filme *O jardim secreto* (1993) que nasceu o interesse por esta pesquisa. A adaptação cinematográfica do livro de Burnett, dirigida por Agnieszka Holland, foi o que despertou o desejo da pesquisadora de estudar como que o brincar poderia ter ajudado Mary e Colin a se libertarem da tristeza e da raiva que sentiam. A curiosidade cresceu após a leitura do livro homônimo que, num segundo momento, foi escolhido como objeto de estudo para esta pesquisa. A partir disso, decidiu-se por delimitar o objetivo em compreender de que maneira o brincar criativo pode auxiliar as crianças na simbolização e na elaboração do abandono parental e da carência afetiva.

Para que o estudo tivesse consistência científica, buscou-se uma metodologia que possibilitasse uma discussão entre o objetivo do trabalho e a literatura freudiana e pós-freudiana do brincar com o referido livro. Sendo assim, o método adotado para a análise dos dados foi qualitativo, por se dedicar à compreensão e à análise interpretativa dos dados do livro de Burnett de forma a “captar” o fenômeno estudado – o brincar – a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas – as crianças protagonistas da obra –, buscando considerar todos os pontos de vista relevantes (Gil, 2002; Godoy, 1995).

As discussões aqui fomentadas foram possíveis a partir do fichamento do livro, que possibilitou a organização das reflexões da pesquisadora e auxiliou na etapa de tratamento e de análise de dados. O fichamento consistiu no registro dos fragmentos considerados importantes e na catalogação das principais informações contidas da obra, como a cronologia dos acontecimentos, a descoberta do jardim, o encontro e a construção da amizade entre as crianças, bem como o nome dos personagens e o grau de parentesco.

A leitura cuidadosa e criteriosa do livro ainda permitiu a identificação de dois momentos chave na modificação da conduta, da postura e do aspecto emocional dos personagens analisados, distinguindo dois momentos da história: como Mary e Colin se sentiam e se comportavam antes de descobrirem a existência e de poderem brincar no jardim e depois dessa descoberta. Esse fato é marcante na estrutura do livro, pois foi quando as crianças começaram a se interessar por algo além delas mesmas. Chamava-lhes

muito a atenção que existisse um jardim misterioso e secreto que havia ficado fechado por dez anos. Importante ressaltar que foi de Martha que Mary soube da existência do jardim e foi com o mesmo cuidado da camareira que a menina conseguiu contar para seu primo sobre a existência do seu refúgio. Com a progressão do livro, é notório o desabrochar psíquico de Mary e Colin em conjunto ao cultivo e ao germinar do jardim, mostrando que as crianças tinham potencial para descobrir, aos poucos, formas de sobreviver ao abandono e ao desamparo quando lhes foram oferecidos os cuidados essenciais de amor e amparo. Dessa forma, essa divisão do livro foi pilar das reflexões apontadas nesta pesquisa.

Resultados e discussão

Corso e Corso (2011) já haviam analisado a obra *O jardim secreto*, no livro *A psicanálise na terra do nunca*. Os autores, em sua análise, também valorizaram a autonomia que a brincadeira proporciona às crianças na construção de si mesmas. Entretanto eles constataram que as crianças órfãs da obra de Burnett se utilizaram do jardim como um espaço de acolhimento materno, construindo para si mesmas “pais de *pachtwork*” com as imagens maternas e paternas dispersas na obra. Neste artigo, contudo, o foco principal será dado na importância da brincadeira e da capacidade simbólica como uma das saídas da doença mental e como ferramentas que auxiliam a criança a encontrar significado na vida. Esta seção mostra as articulações entre o objetivo da pesquisa, a teoria do brincar da psicanálise freudiana e pós-freudiana e a investigação do livro.

Antes de tudo, considerando que é no ambiente que o ser humano se apoia para construir as bases de sua personalidade (Arcangioli, 1995), é importante conhecer um pouco do ambiente em que Mary e Colin cresceram: ambas as crianças sofreram com a rejeição parental e foram privadas do contato familiar, ambas nasceram em um ambiente de opulência onde todas as suas vontades eram realizadas e ambas foram criadas apenas com o suporte básico provido por babás, preceptoras e enfermeiras que não gostavam das crianças, o que dificultava o surgimento de um vínculo verdadeiro e duradouro. Ou seja, elas cresceram e se desenvolveram em um ambiente com pouco amor e ainda menos disciplina, tornando-se crianças muito solitárias e onipotentes.

Como visto anteriormente, para Winnicott (1983), existe sempre a necessidade de se julgara função do ambiente no desenvolvimento emocional e nos distúrbios de caráter da criança. Dessa forma, ao considerar as falhas no apoio, no amor e na disciplina do ambiente em que foram criados, é possível entender que os processos de maturação e o desenvolvimento emocional de Mary e Colin ficaram estagnados no tempo de dependência. Ainda, suas tendências antissociais, originadas das privações que sofreram, eram

expressas no ódio que sentiam pelas pessoas e na incapacidade que apresentavam de se conectarem com os outros.

Tanto Colin quanto Mary tinham personalidades desagradáveis e comportamentos tirânicos. Além disso, não conseguiam expressar os seus sentimentos, tinham dificuldade de se aproximarem das outras pessoas e se mostravam muito indiferentes com o que acontecia ao seu redor antes de encontrarem o jardim. Em concordância, Gutfreind (2020) afirma que as crianças que frequentemente estão em sofrimento apresentam dificuldades de brincar, têm uma capacidade mais pobre de expressão, de vigor, de espontaneidade e "mesmo que sofram de solidão, não sabem como podem se aproximar de outras crianças e outros adultos" (p. 99). No livro de Burnett, tais características eram muito presentes no início da história: Mary apenas ia na rua porque não tinha nada para fazer dentro de casa, mas não brincava, apenas olhava para coisas e corria para se esquentar; e Colin era um menino que, apesar de não ter nenhum problema físico, foi criado como inválido e nunca se importava com nada que não tivesse relação com as suas enfermidades.

No decorrer do livro, após alguns dias morando na mansão do tio, Mary passa a sentir curiosidade pelo jeito confiante de Martha e de Ben Weatherstaff, dando-se conta de que estava começando a gostar dessas pessoas e de que nunca havia gostado de tantas pessoas em sua vida, demonstrando mais interesse para o que acontecia à sua volta e procurando ativamente pela porta do jardim secreto. Observa-se aí a importância de que as crianças tenham um sentimento de segurança, previsibilidade e continuidade nos cuidados que recebem para que elas consigam dominar suas angústias e viver no mundo real (Gutfreind, 2020). Dessa forma, é possível dizer que foi a partir da restituição dos cuidados que Mary começou a receber de Martha e de Dickon, da sinceridade de Ben Weatherstaff e de seu amor pelo passarinho pisco-de-peito-ruivo que a menina começou a se tornar mais consciente de sua solidão e a entender que esse era o principal motivo de sua raiva.

Assim, a partir dessas experiências boas, Mary começa a se identificar com objetos diferentes daqueles que a abandonaram, adquirindo maior força e capacidade egóica para enfrentar suas ansiedades, sem recorrer tanto aos mecanismos de defesa que incidiam sobre sua conduta. É dessa forma que a menina consegue começar a ajudar seu primo Colin, contando-lhe histórias e levando-o até o jardim que ela já havia encontrado e estava cultivando. Desse modo, ao adquirirem maior tolerância à sua própria agressividade, Mary e Colin começam a se preocupar mais com as outras pessoas, envergonhando-se de tratarem mal os outros e sentindo-se tristes com isso. Ou seja, abrem o caminho para a entrada na posição depressiva, o que pode ser ilustrado em um trecho do livro em que, após ter uma conversa muito sincera com o velho jardineiro Ben Weatherstaff, Mary sente-se muito sozinha e se dá conta de que isso era uma das coisas que a fazia se sentir tão zangada e mal-humorada, ficando triste e envergonhada.

Sabendo que existe uma relação direta entre a superação da posição depressiva e a necessidade de reparar os objetos internos, e que o impulso artístico e imaginativo estão intimamente relacionados com essa fase (Klein, 1996; Segal, 1993), é possível afirmar que Mary e Colin, ao brincar, comportam-se como dois artistas que se utilizam de seus impulsos criativos para recriarem o seu mundo interno. Assim, considerando que a atividade de brincar dá lugar à simbolização (Gutfreind, 2020), é justo alegar que foi por meio do brincar criativo, dentro do jardim, que as crianças conseguiram começar a elaborar os seus conflitos. Entende-se, então, que Mary e Colin criaram para si um lugar em que eles podiam fechar a porta atrás de si e fingir que ali era o ninho deles, um mundo misterioso e secreto onde eles conseguiam brincar, cavar buracos na terra, comer frutinhas, plantar sementes e ganhar vida junto com o jardim.

O direcionamento em sentido à saúde fica ainda mais evidente no decorrer do livro quando, depois de algum tempo cultivando o jardim secreto, Mary e Colin começaram a se deparar com alguns problemas que demandaram muita criatividade para serem solucionados. Como já estavam mais saudáveis e brincavam o dia todo, eles tinham muita fome, mas queriam manter o jardim. No entanto, há o fato de que Colin estava conseguindo andar, mas em segredo dos adultos, que começavam a desconfiar do apetite voraz das duas crianças. Assim, elas se utilizaram da criatividade para improvisar um forno na terra para cozinhar batatas, se deliciavam com as frutas que nasciam nas árvores e faziam teatro para fingir que Colin ainda não conseguia andar, o que lhes trazia muito divertimento. Isso mostra que o livro de Burnett vai ao encontro da hipótese de Winnicott (1975) de que é necessário que a criança seja capaz de brincar, pois é só assim que ela consegue se utilizar da sua criatividade para resolver seus problemas. Nesse sentido, Green (2013) afirma que as experiências criativas são a única maneira do indivíduo ser ele mesmo e que "a criatividade não é uma atividade especializada, mas um aspecto da vida e do pleno viver" (p. 50).

De acordo com Gutfreind (2020), é

simplesmente por se divertir ou por experimentar prazer (como quando brinca) que a criança desenvolveria a sua capacidade mental, criando espaços psíquicos [...], bases de sua vida imaginária, de sua criatividade e de sua capacidade de resistir às situações traumáticas da vida sem romper o equilíbrio de sua sanidade mental e, portanto, sem recorrer à doença. (p. 117)

Isso concorda com resultados encontrados neste estudo, que mostram o jardim como um lugar onde as crianças não apenas se divertiam e experimentavam prazer, mas também um lugar onde elas conseguiram desenvolver suas capacidades mentais e criar espaços psíquicos. Ou seja, pode-se considerar que o jardim, além de secreto (e talvez por esse mo-

tivo), atuou como um espaçotransicional, ao ser o lugar físico, mas também psíquico, no qual as crianças puderam brincar e integrar as partes dissociadas de suas personalidades. Assim dizendo, a possibilidade de brincar no jardim foi um refúgio, uma via diferente daquela da sintomatologia e da doença, um espaço que ajudou Mary e Colin a se conscientizarem da sua solidão e a superarem a ira e o azedume que sentiam.

É razoável entender que a única explicação que as crianças encontraram para explicar um jardim que antes se encontrava quase morto e depois estava exuberante e cheio de vida era algum tipo de mágica. Contudo, o que Mary e Colin ainda não haviam percebido era que o jardim, que estava abandonado antes delas o encontrarem, só havia renascido graças ao cuidado diário que elas tinham com as plantas. Entende-se que o mesmo aconteceu com as crianças: os cuidados de Martha e Dickon reacenderam a vida de Mary e, sentindo-se mais forte, ela mesma conseguiu despertar a vida em Colin. Dessa forma, pode-se entender que as brincadeiras, que aconteciam dentro do jardim secreto, apontavam a necessidade de organização interna das crianças da obra de Burnett que, diante do horror do abandono, brincaram de mudar a realidade de um jardim semimorto e abandonado em um lugar com vida e com mágica.

A partir da análise do livro, é possível afirmar que o brincar juntos não apenas fortaleceu o vínculo e a socialização das crianças, mas também estimulou tanto a curiosidade de Colin, que o menino começou a ter o sonho de ser cientista para poder ajudar as pessoas assim como a Mágica do jardim o tinha ajudado. Desse modo, pode-se confirmar que, no final da obra, as crianças estavam mais amadurecidas e mais socializadas, que adquiriram um senso de responsabilidade pela manutenção daquilo que elas acreditavam ser mágico no jardim e pela modificação da sociedade por meio de seus esforços e da compaixão para com os outros (Winnicott, 1983).

Por fim, Klein (1996) afirma que no caso das crianças, quando os medos são atenuados e mais fáceis de se controlar, via identificação com objetos bons, os impulsos criativos que até então permaneciam dormentes começam a vir à tona. Assim, tratando do brincar tanto como um modo de exploração da realidade quanto de domínio dela, os resultados desse artigo apontam que foi em função do encontro entre Mary e Colin, da empatia de Martha e de Dickon, e das brincadeiras no jardim que as crianças puderam encontrar a compaixão e o amor. A confirmação final da restituição psíquica das crianças da obra pode ser compreendida ao final do livro, que mostra um Colin completamente diferente: um menino que inicialmente não gostava de olhar para o retrato de sua mãe porque ela sorria demais enquanto ele estava doente e triste, passa a pensar em sua mãe como uma mulher mágica. Agora ele não só gostava de ver o retrato de sua mãe, mas também pensava em uma forma de poder ajudar seu pai a se tornar uma pessoa mais feliz.

Considerações finais

Considerando que em psicanálise raramente haverá uma única resposta para uma pergunta, este trabalho buscou compreender de que maneira o brincar criativo auxiliou as crianças na simbolização e na elaboração do abandono parental e da carência afetiva para autores freudianos e pós-freudianos. Para tanto, foi utilizado como objeto de estudo o enredo do livro *O jardim secreto* de Frances Hodgson Burnett. Partindo do entendimento de que o fantasiar e o brincar são necessários para o desenvolvimento psíquico e para promoção das capacidades criativas dos seres humanos, este trabalho mostrou que o brincar dentro do jardim secreto ajudou Mary e Colin a serem crianças mais felizes, a liberarem seus processos de maturação e a estarem mais socializados.

Como visto na metodologia do artigo, a partir do fichamento do livro foram identificados dois momentos na obra de Burnett: como as crianças se sentiam e se comportavam antes de descobrirem a existência e de poderem brincar no jardim e depois dessa descoberta. A partir disso, concluiu-se que foi apenas quando conheceram um ao outro e tiveram a oportunidade de cultivar o jardim secreto que Mary e Colin conseguiram aceitar as particularidades de si mesmos e um do outro, podendo assim, escapar da solidão que os dominava. Ou seja, como efeito das brincadeiras, eles construíram um vínculo que permitiu com que fossem cuidados e acolhessem os seus conflitos.

Além do mérito do brincar, os resultados deste estudo pareceram apontar para a importância da identificação com objetos bons para a restauração psíquica das crianças. Visto que elas só conseguiram se libertar para brincar após terem tido contato com objetos diferentes daqueles que as abandonaram, por meio do ambiente empático e acolhedor proporcionado por Dickon, por Ben Weatherstaff, por Martha e por Susan Sowerby (mãe de Martha e Dickon). O brincar, dessa forma, pode ser entendido como um movimento de reparação, no qual foi possível, inclusive, que Mary e Colin restaurassem a compaixão pelas pessoas que os rejeitaram.

Uma das dificuldades enfrentadas no início deste trabalho, foram as diferenças teóricas encontradas entre os autores da clínica psicanalítica infantil. Por esse motivo, e por uma questão de identificação pessoal, a autora decidiu alicerçar o estudo em Freud e em alguns autores pós-freudianos. Porém, essa é uma dificuldade que se abre na possibilidade de investigação dos diferentes pontos de vista, dentro da psicanálise, naquilo que se refere ao brincar infantil.

Uma perspectiva importante deste trabalho foi a reflexão do dissabor gerado pelo abandono e pela falta de afeto no desenvolvimento infantil. Uma vez que Klein (1996) reconhece que a própria criança gostaria que a sua agressividade e o seu egoísmo fossem moderados pelos adultos à sua volta, é psicologicamente desaconselhável que os cuidadores tentem evitar que a criança sofra qualquer tipo de frustração, pois a criança que se desenvolve sem nenhum tipo de limite sofre a dor do remorso e do desmerecimento. Contudo, a autora considera "óbvio que uma frustração desnecessária e ar-

bitrária, que não mostra em nada além da ausência de amor e compreensão, é muito prejudicial" (Klein, 1996, p. 357). Dessa forma, pensando em planos para trabalhos futuros, surge um interesse em pesquisar mais a fundo a gênese da onipotência infantil no que se refere à criação e ao ambiente.

Referências

- Belo, F. & Scodeler, K. (2013). A importância do brincar em Winnicott e Schiller. *Tempo psicanalítico*, 45(1), 91-101.
- Burnett, F. H. (2013). *O jardim secreto*. São Paulo: Penguin.
- Corso, D. L. & Corso, M. (2011). *A psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*. Porto Alegre: Penso.
- Costa, T. (2010). *Psicanálise com crianças*, ed. 3. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferreira, T. (2000). *A escrita da clínica: psicanálise com crianças*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Freud, S. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In: S. Freud. *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (pp. 263-295). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1933).
- Freud, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Disponível em: <<https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2019/04/FREUD-Sigmund.-Obras-Completas-Imago-Vol.-18-1920-1922.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2020.
- Freud, S. (1908). *Escritores criativos e devaneio*. Disponível em: <<https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2019/04/FREUD-Sigmund.-Obras-Completas-Imago-Vol.-09-1906-1908.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2020.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*, ed. 4. São Paulo: Atlas.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(3). <https://doi.org/10.1590/S0034-75901995000300004>
- Green, A. (2013). *Brincar e reflexão na obra de Winnicott: conferência memorial de Donald Winnicott*. São Paulo: Zagodoni.
- Gutfreind, C. (2020). *O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Hosokawa, R. R. & Wiezzel, A. C. S. (2013). As contribuições do lúdico para o desenvolvimento emocional infantil no contexto escolar. *Colloquium Humanarum*, 10(especial), 803-809.
- Jerusalinsky, A. (2011). *Para entender as crianças: chaves psicanalíticas*. São Paulo: Instituto Langage.
- Klein, M. (1996). *Amor culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*, ed.2. Rio da Janeiro: Imago.
- Segal, H. (1993). *Sonho, fantasia e arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ungar, V. (2002). Imaginação, Fantasia e Jogo. *Revista Psicanálise*, 4(2), 459-478.
- Vieira, M. R. J. & Cintra, E. M. de U. (2016). O trabalho criativo: perda, luto e metáfora. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9(1), 50-66.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.